

Bagatela

Autora: Laís Calderan

Personagens:

- Garoto

- Mãe

-Transeunte

Texto

Um garoto passeia com sua mãe e passam pela entrada de um beco. O garoto aponta.

Garoto: Olha, mamãe! O que é aquilo?

Mãe: Nada que eu conheça, meu filho! Quer dar um nome?

Garoto: Quero! Que tal...hum...Bagatela?

Mãe: Bagatela!

Garoto: Sim! Você sabe o que significa?

Mãe: Sei. Mas por que acha que aquilo não tem valor?

Garoto: Eu não o que significa a palavra “bagatela”, mamãe. Só acho que tem um som legal.

Mãe: Talvez você tenha usado uma palavra inapropriada, mas tem razão sobre o som. Transeunte que ouviu parte da conversa se posiciona ao lado da mãe.

Transeunte: Afinal, moça, qual é o valor daquilo? Nem mesmo respira e nada tem. Ao menos existe?

Mãe: Que pergunta! Bem...não dá pra negar que existe! Sei que, pelo menos, ruivo ele é. De qualquer forma, não acho legal ficar discutindo sobre isso. Muito menos na frente de uma criança, o meu filho.

Transeunte: Tem Razão. É melhor não falarmos mais dele.

A mãe, seu filho e o transeunte seguem seus caminhos ao que a iluminação diminui gradativamente até o blackout.

Fim

REFERÊNCIAS

O texto *Bagatela* foi construído a partir de um conto sem nome do autor russo Daniil Kharms, tal conto é o seguinte:

“Era um homem ruivo, que não tinha olhos nem orelhas. Também não tinha cabelo, pelo que só convencionalmente se podia chamar ruivo. Não podia falar, porque não tinha boca. Também não tinha nariz. Nem sequer tinha mãos, nem pernas. Não tinha ventre, não tinha costas, não tinha coluna vertebral nem quaisquer entranhas. Não tinha nada! Por isso, não se compreende de quem se trata. É melhor não falarmos mais nele.”

Com esta descrição temos o objeto de discussão entre as personagens, mas afinal, por que uma criança e uma mãe? Sabe-se que nas primeiras fases da vida, os maiores desafios são a fala e o vocabulário, logo é comum que crianças deem nome àquilo que não reconhecem guiadas pelos sons que já sabem e a figura responsável, geralmente a mãe, tende a estar ali para corrigir e incentivar a criatividade. Dessa forma, cria-se uma ótima situação para colocar tais personalidades num texto que discute algo que não se sabe o que é.

Em *Bagatela* coloco alguns pensamentos sobre valor a partir da fala inocente de uma criança, pois o ser humano tudo quer nomear e mensurar de diversas formas. É um comportamento induzido desde cedo principalmente por causa do sistema capitalista, porém nem sempre precificar ou decidir valor é necessário. Isso posto, penso que o que nos falta é compreender que às vezes precisamos nos desprender desse julgamento constante e viver sem querer mensurar tudo o que se vê.

Em conclusão, a criança vem como símbolo da inocência e dessa forma de vida livre de pensamentos críticos demais, enquanto a mãe vem com um papel moral de querer ensinar valores da sociedade e o transeunte como a personificação do julgamento. Dito isso, o texto teve inspiração num conto que desafia o pensamento e tomou um rumo um tanto quanto nihilista em seu tom de crítica, colocando valores e construções comportamentais sociais em jogo ao longo da peça.